



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE / Brasil

"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013

ISSN 1982-3657



TRABALHO DOCENTE: SABERES SOBRE A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Marta Maria Minervino dos Santos

Resumo:

Este trabalho teve como objetivo discutir sobre os conhecimentos de uma professora que atuava no 2º ano do ensino fundamental da rede pública de ensino da cidade de Maceió. Para tanto, nos ancoramos em pressupostos da sociolinguística variacionista (LABOV, 2008; BORTONI-RICARDO, 2004, 2005, 2008; CAVALCANTE, 2005-2006, MARCUSCHI, 2002, entre outros). A metodologia utilizada foi um estudo de caso, tomando como objeto de estudo a aplicação de um questionário contendo perguntas abertas sobre o tema variação linguística. Os resultados apontaram, que a professora tentou conscientizar seus alunos sobre a existência de falares rurais que são diferentes. Mesmo considerando as diferenças existentes na linguagem rural sua explicação evidenciou para a posição de considerar esse tipo de linguagem como "erro".

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística, ensino, saberes pedagógicos.

Resumen:

Este estudio tuvo como objetivo analizar el conocimiento de un profesor que trabajaba en el segundo año de la enseñanza primaria en las escuelas públicas de la ciudad de Maceió. Por lo tanto, anclamos en suposiciones de la sociolingüística variacionistas (LABOV, 2008; BORTONI-RICARDO, 2004, 2005, 2008; CAVALCANTE, 2005-2006 MARCUSCHI, 2002, entre otros). La metodología utilizada fue un estudio de caso, tomando como objeto de estudio la aplicación de un cuestionario con preguntas abiertas sobre la variación lingüística tema. Los resultados mostraron que el profesor trató de educar a los estudiantes acerca de la existencia de dialectos rurales que son diferentes. Incluso teniendo en cuenta las diferencias en el lenguaje rural mostró su explicación de la posición de considerar el lenguaje como tal "error".

PALABRAS CLAVE: Cambio de la lingüística, la educación, el conocimiento pedagógico.

Introdução:

Este trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado que tem como objetivo discutir sobre os conhecimentos de uma professora que atuava no 2º ano do ensino fundamental da rede pública de ensino da cidade de Maceió. A discussão se fundamenta nos princípios da variação linguística variacionista, consideramos o tema como importante, sobretudo no início da escolarização, quando a criança é formalmente introduzida no ensino da linguagem escrita. Embora o estudo dos efeitos da variação linguística no processo de aquisição da leitura e escrita seja teoricamente reconhecido como crucial, não tem sido objeto de suficiente atenção por parte dos formadores do professor alfabetizador, o qual em muitos casos não recebe informação e formação que lhe permitam lidar apropriadamente com essa

questão em sua atividade profissional.

Ao considerarmos a importância do trabalho com linguagem mais especificamente com variação linguística, foi necessário descrever o espaço de coleta de dados. Os dados foram coletados em uma escola da rede Estadual de Ensino de Alagoas numa sala de aula de 2º ano do Ensino Fundamental. No entanto, foram observadas aulas de língua portuguesa durante dois meses, a partir das observações foi possível perceber o quanto os alunos interagem em sala de aula com assuntos dos programas que assistiam na TV, como os desenhos animados, novelas e programações locais. Ainda durante esses momentos de observação foi possível identificar que nas brincadeiras os alunos demonstravam sempre querer imitar o que viam nas programações assistidas na televisão.

Consideração da professora sobre variação linguística

Inicialmente a metodologia da pesquisa de mestrado se desenvolveu através de observação de aulas de língua portuguesa, num segundo momento foi aplicado um questionário contendo apenas perguntas abertas com a professora do 2º ano do ensino fundamental. As respostas do questionário serviram para identificar como a professora descreve seus conhecimentos relacionados ao ensino da variação linguística. Tomamos como ponto de partida alguns dados pessoais, que não foram divulgados nas análises, para garantir a preservação da identidade dos sujeitos envolvidos, assim como também sobre sua formação. Ao perguntarmos sobre variação linguística levamos em consideração que fenômeno da variação como natural a todas as línguas, por considerar que a língua é heterogeneidade.

Durante as aulas sempre identificamos casos de variação linguística na fala dos alunos como também da professora. Diante disso, portanto perguntamos se a professora identificava casos de variação linguística na fala de seus alunos. Em sua resposta ela afirmou “que na escola que lecionava, percebe-se alguns casos de variação linguística por ser uma escola de periferia de classe baixa, e tem alguns alunos que vem de cidades interioranas. Por exemplo: mode isso...] pro mode...”

Analisando a resposta da professora, confirmamos que na escola em que ela trabalha existiam casos de variação linguística. Assim, compreendemos que todo e qualquer falante de língua materna possui na pronúncia algum tipo de variedade, além disso, ela considera que esses casos de variação linguística identificados na escola estão sendo ocasionados, principalmente em relação à localização da instituição que se encontra na periferia da cidade de Maceió. Podemos considerar que na concepção da professora, esse fenômeno estaria ligado com a classe social. Constatamos que os alunos em sua maioria estão inseridos numa família que possui uma renda baixa ou informal; para além da atribuição social, a professora de certa forma contempla que o fenômeno também está relacionado por haver na escola alunos que migraram de cidades interioranas.

A professora defende que a variação da língua estaria relacionada a classe social ou/até mesmo a status e/ou procedência interiorana. Ela deveria considerar que a variedade de fala que tem maior prestígio é que deve ser ensinada na escola ou aquela que está sendo utilizada por uma pequena parcela da sociedade socioeconômica e culturalmente mais alta. Para Bortoni-Ricardo (2005 p. 27),

[...] quando a língua está relacionada a status ou classe, a operacionalização da pedagogia que propõe a aquisição da norma culta como um acréscimo de mais uma variedade no repertório verbal do aluno sem prejuízo de outras é muito mais complexa do que no outro caso, por razões de natureza linguística e de natureza social (BORTONI-RICARDO 2005 p. 27).

No entanto, em sua afirmação, que são os componentes de uma classe desprovida financeiramente que fazem uso de algum tipo de fenômeno de variável linguisticamente. Dessa forma, ela relacionou o fenômeno à classe social. Nesse caso, ganham as pessoas pertencentes a tal, classe menos favorecida financeiramente, e ainda as crianças dessa escola, por se encontrar na periferia da cidade de Maceió, portanto, frequentada por alunos que na grande maioria pertencentes à referida classe. Ao assumir essa

posição, a professora deve ter observado que a linguagem padrão é a que sempre estar sendo utilizada em eventos formais e públicos, mas o que muitos desconhecem é que mesmo sendo tratada nesses eventos, certos traços são empregados, segundo Bortoni-Ricardo (2005) por falantes de língua padrão em situações informais de fala.

De acordo com os estudos sobre linguagem - variação linguística é um fenômeno natural da língua, em que se permite produzir enunciados com léxicos diferentes, mas com significados equivalentes. Ou seja, "são formas de se interagir linguisticamente optativas, são expressões linguisticamente variáveis" (CAVALCANTE; LESSA; SANTOS. PIBIC/2004, 2005, p. 6). A partir desse princípio, percebemos que a professora parece desconhecer que até mesmo em sua linguagem de formador-alfabetizador também existem traços de uma linguagem informal:

Os diferentes modos de dizer a mesma coisa são chamados de variantes. Em uma regra variável, há sempre uma variante que recebe mais prestígio social, enquanto outras são desvalorizadas ou até consideradas como "erro" (BORTONI-RICARDO, 2008 p. 50).

Do ponto de vista do estudo da linguagem, o fenômeno da variação linguística deve ser entendido a partir de vários aspectos, um deles é o fator social onde está inserido o indivíduo. Segundo Labov (2008), as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo, pois não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre.

Ao mesmo tempo, em que a professora considera que a variação linguística está diretamente relacionada a diferenças de classes, ela se remete, diretamente a diferença de classe social em relação ao status socioeconômico. Assim, segundo Bortoni-Ricardo, essa diferença "representa desigualdades na distribuição de bens materiais e de bens culturais, o que reflete em diferenças linguísticas" (2004, p. 48).

Como no Brasil, tais distribuições são desproporcionais tanto territorial quanto financeiramente; em relação à língua também não foi diferente. As regiões litorâneas receberam maior influência da linguagem de prestígio dos colonizadores, pois as sedes do governo se instalaram nessas cidades, possuindo assim maior poder e prestígio, esse prestígio acabou sendo transferido para o dialeto da região. O que não ocorreu nas pequenas cidades do interior do País, por se tratar de uma faixa territorial muito extensa, esse povo ficou isolado geograficamente, inclusive das influências linguísticas. Atualmente, não é diferente em relação aos usos linguísticos. Estamos observando que são fatores históricos, políticos e econômicos que decorreram de uma colonização e instalação litorânea, conferindo o prestígio a certos dialetos ou variedades regionais que, conseqüentemente, alimentam a rejeição e preconceito em relação a outros.

Entendemos cientificamente que a variação linguística pode ser ocasionada também por diferentes acessos a escolarização, pois é a partir da escolarização que o indivíduo tem a possibilidade de adquirir outros recursos de comunicação quando a circunstância exige, no entanto, todos os profissionais da educação deveriam ter clareza de que é a escola, é uma instituição promotora do ensino de língua padrão, como afirma Bortoni-Ricardo (2005, p. 23) que a:

Escola é uma força corretiva e unificadora da língua. Nos países onde a alfabetização é universal há décadas, as variedades populares não desaparecem, pois existem fatores psicossociais que favorecem sua conservação. As diferenças entre variedade e a língua-padrão tendem a ser, porém de menor amplitude, restringindo-se ao âmbito da fonologia - da pronúncia- e alguns traços morfossintáticos.

Ainda segundo essa autora, as diferenças de natureza fonológica e morfossintática que distinguem, por um

lado, a linguagem rural e urbana por outro, os diversos dialetos sociais, também referidos como socioletos, são profundas. Todo sistema flexional nos verbos, nos pronomes e nos nomes apresentam múltiplas possibilidades de variação principalmente quando a categoria linguística é redundantemente marcada.

As classes mais baixas da sociedade exibem em sua linguagem uma incidência maior de variáveis linguística não padrão, mas,

Quando é submetida a testes que avaliam atitudes, reconhecem o caráter estigmatizado dessas variáveis, julgando-as com seriedade. Esse isomorfismo nas reações valorativas decorre da pressão prescritiva da escola e do prestígio da língua culta. Para se atingir tal homogeneidade de interpretação referencial, é indispensável que toda a população seja escolarizada (BORTONI-RICARDO, 2005 p. 24).

Portanto, nos falares decorrentes dos alunos oriundo das cidades interioranas podemos considerar que esses falares ficaram isolados geograficamente, assim muitos alunos ainda possuem em seu repertório antecedentes rurais e ao migrarem para os centros urbanos foram adquirindo aspectos desses falares, os alunos que passaram por esse processo de migração com o passar do tempo adquiriram falares rurbanos em seus repertórios, que podemos considerar falares que são constituídos por falantes que viveram na zona rural e migraram para zona urbana.

Desse modo, todos os profissionais de educação, principalmente os do ensino fundamental devem ter conhecimento de que existem três ambientes onde as crianças começam a desenvolver o seu processo de socialização: a família, os amigos e a escola. Segundo Bortoni-Ricardo (2004), podemos chamar esses ambientes utilizando-se da terminologia da tradição sociológica, de domínios sociais. Para a autora um domínio social é um espaço físico onde as pessoas interagem assumindo certos papéis sociais, que são conjuntos de obrigações e de direito definidos por normas socioculturais. Os papéis sociais são construídos no próprio processo de interação humano. Quando usamos a língua para nos comunicar, também estamos construindo e reforçando os papéis sociais próprios de cada domínio.

Além disso, a autora (op. cit. 2005), afirma que a escolha de determinado grau de formalidade na fala depende basicamente do papel social que o falante desempenha a cada ato de interação verbal. Já se verificou que as sociedades variam quando à amplitude e fluidez da gama de papeis sociais à disposição do indivíduo. Em qualquer circunstância, porém, há pelo menos três fatores determinados dessa seleção: os participantes da interação, o tópico da conversa e local onde ela se processa. O falante ajusta sua linguagem, variando de um estilo informal a um estilo cerimonioso, a fim de se acomodar aos tipos específicos de situações.

Em meio a sua fala, a professora afirmou perceber alguns casos de variação linguística em sua sala de aula. Diante dessa afirmação, perguntamos o que ela entendia por Variação Linguística, assim ela pôde definir como formas de se expressar, de acordo com a região ou ambiente em que se vive. Percebemos que a professora ao responder deixa claro que compreende o fenômeno da variação linguística e suas especificidades, assim ela identifica as abrangências do fenômeno, mesmo definindo-o de forma ainda tímida apenas como, forma de se expressar e de acordo com região e ambiente que vive, entendemos que, mesmo a professora compreendendo esse fenômeno, ela ainda o relaciona apenas a quem vive em determinadas regiões e ambiente.

De posse da fundamentação teórica, temos a possibilidade de abranger sua resposta para além de uma forma de expressão, ou de diferenças regionais, entendemos que a heterogeneidade linguística é estrutural, pois permite a qualquer falante de língua materna usar a língua de forma correta, mas em alguns casos com algumas diferenças. São consideráveis que as sentenças com diferenças em sua composição, devem ser compreendidas que, não existe somente uma língua padrão de correção absoluta; regida por uma gramática normativa seguida pela convenção da escrita padrão.

Diante de sua resposta e conhecimento específico sobre o tema perguntamos se em sua formação foram abordados conceitos relacionados ao tema variação linguística, em sua resposta a professora afirma que: “durante minha formação universitária trabalhamos variação linguística, trazendo exemplos para sala de aula e sendo comentado. Desenvolvendo formas de se trabalhar e como seria a visão da turma sobre”.

São vários os questionamentos gerados em relação a formação inicial e continuada dos professores de ensino fundamental nessa área dos estudos, sobre a linguagem a qual estamos inseridos para desenvolvimento deste trabalho, sempre nos indagamos sobre os professores terem conhecimentos adquiridos sobre os fenômenos da variação linguística, por existir várias pesquisas que em seus resultados comprovaram que muitos profissionais da educação desconhecem esse fenômeno, ao mesmo tempo, em que outros profissionais tiveram essa formação que tratou sobre o assunto, mesmo assim, ainda sentem dificuldades para trabalhar esse fenômeno em sala de aula.

Reconhecemos que, em todas as discussões do grupo de pesquisa Educação, Linguagens e Trabalho Docente e em resultados das pesquisas desenvolvidas na área sobre formação de professor da educação básica, o conteúdo variação linguística ainda é muito delicado, pois envolve todo esse contexto entre a relação de formação e prática docente, principalmente quando se trata da transposição didática dos conteúdos apreendidos durante a formação para a prática do professor. Temos conhecimento que, muitos professores, ao menos ouviram falar sobre o fenômeno, muitos que receberam essa informação ainda sentem muitas dificuldades para trabalhar com o fenômeno em sala de aula.

Em uma das pesquisas desenvolvidas durante a graduação no PIBIC (2007-2008) consideramos que foram importantes para compreendermos os processos de mudança na prática do educador em relação ao ensino de língua materna, mas, são nos pressupostos da teoria para a prática que ainda muitos professores sentem certo desconforto, e estando diante de casos da variação linguística, podendo ter até um sentimento de formação incompleta, mas em muitos, essa sensação é projetada por parte de uma resistência ao novo, gerando uma não mudança de metodologia, mesmo assim com todas as dificuldades existentes na formação docente, muitos saberes foram adquiridos em formações inicial, continuadas e/ou na prática. Como nos esclarece Tardif (2002, p. 228) quando afirma que “os professores de profissão possuem saberes específicos que são mobilizados, utilizados por eles no âmbito de suas tarefas cotidianas. Noutras palavras, o que possuem, utilizam e produzem saberes específicos ao seu ofício, ao seu trabalho”.

É seguindo as considerações de Tardif (2002) que durante o ofício do trabalho muitos professores compreendem os vários dilemas que ocorrem em sala de aula. Assim é durante a prática que os docentes vão desenvolvendo atitudes e metodologias para o ensino, no caso da variação linguística e da educação midiática; cogitamos que muitos professores pretendem formar seus alunos competentes inclusive na linguagem. Portanto é durante o ensino que os professores fornecem de acordo com a gramática normativa a inclusão da norma culta no repertório linguístico, muitas das vezes sem perceber que alguns métodos, deixam os alunos coagidos, com receio de utilizar sua própria língua, em se tratando da educação midiática esse meio é trazido pelos alunos para as salas de aulas muitas vezes até sem uma percepção, cabendo ao professor aproveitar esse interesse e tratar em seu ofício acrescentando esses novos conteúdos em sua metodologia.

Em sua formação a professora, sujeito desta pesquisa, afirmou ter recebido orientações a partir dos estudos sobre a sociolinguística. Seguindo esse conhecimento, decidimos perguntar se existia alguma dificuldade para ela trabalhar Língua Portuguesa. A partir de sua resposta poderíamos identificar se em sua prática existiam dificuldades, com relação ao ensino de língua portuguesa. Ela afirmou que atualmente “não há dificuldade, mas pode-se dizer que uma grande expectativa para ver o resultado da turma na construção da base alfabética até uma produção textual”.

A professora reforçou a afirmação de que não teve dificuldade para trabalhar com essa disciplina – Língua Portuguesa, o que existe apenas são as expectativas futuras com resultados na construção da base alfabética dos alunos, um desejo de ver o resultado de seu trabalho, mas com desejo maior de ver até

uma produção textual dos alunos. Quando a professora afirma que até os alunos chegarem nesse nível de produção textual sentimos que essa expectativa de produção aparenta ser uma difícil etapa a ser alcançada nesse processo, mesmo a ela afirmando não haver dificuldades durante as observações, percebemos que a situação é muito difícil, principalmente em relação a materiais básicos de ensino necessários para a turma em fase de alfabetização.

Aprendemos, durante as observações, que casos de variação são naturais no ambiente observado. Perguntamos a professora se ao perceber os casos de variação linguística, qual seria a sua abordagem. No entanto, a professora respondeu que procurava trabalhar com tirinhas do Chico Bento ou textos musicais que apresentam formas de variação linguística, para ser explorado e deixar claro para a turma que não se podem corrigir esses erros, por ser costume da região.

Percebemos, a partir de sua resposta que em sua formação acadêmica a professora teve contato com o fenômeno da variação linguística, mas ao propor um trabalho com linguagem selecionou conteúdos específicos como a linguagem do personagem em quadrinhos Chico Bento de Maurício de Sousa que possui uma linguagem com características do meio rural, ou ainda textos musicais que em sua abordagem tenta deixar claro para os alunos que não podemos corrigir os erros desse tipo de linguagem, por considerar que são de costumes regionais.

A professora em sua prática foi eficiente em fornecer para seus alunos que não pode corrigir a variedade da linguagem de ninguém, por possuir cada uma suas especificidades, mas ao continuar respondendo ao questionamento percebe-se em suas palavras que possuem um caráter dual, por um lado, em sua prática existia uma posição afirmativa em relação ao fenômeno em orientar aos alunos em não corrigir, mas, ao mesmo tempo em que considera essas variedades como erros, quando afirma que “não podemos corrigir esses erros”.

Ao deixar evidente para seus alunos os “erros” nas linguagens rurais, a professora transfere uma forma de estigmatização em relação a esse tipo de linguagem; ao em vez de se tratar como “erro” poderia ter sido apresentado com diferenças. Acreditamos que em sua formação acadêmica ela tenha recebido informações científicas sobre o fenômeno da variação linguística, no entanto compreendemos que na prática ela ainda sente dificuldades em diferenciar “erros” e “diferenças”, pois em relação à variação linguística e aos costumes regionais como ela mesma afirma são diferenças. Esses são chamados de regionalismos.

Assim ao desenvolver um trabalho com linguagem os professores devem adquirir conforme Bortoni-Ricardo (1995, p. 122) “a mudança de código em ecologia linguística consiste simplesmente no aumento ou na diminuição da frequência de traços não-padrão”.

Para tratar desses traços situamos no contínuo de urbanização os traços graduais e descontínuo, segundo a mesma autora (1995, p. 122), temos que distinguir os que são os graduais no continuum sociolinguístico brasileiro, que estão presentes, maior ou menor intensidade, e dependendo do contexto, na linguagem de qualquer falante nativo do português brasileiro ele pode estar presente, já nos traços descontínuos são característicos das variedades geográficas ou socialmente mais isoladas.

A professora ao procurar conteúdos específicos para tratar da variação linguística perde uma grande oportunidade de trabalhar com seus alunos suas próprias variações, sabendo que maioria deles possui antecedentes rurais ou são imigrantes de regiões interioranas, com isso perdeu a oportunidade de fornecer para eles discussões com situações concretas. Perante essa situação, de não aproveitamento das variantes de seus alunos a professora poderá estar situada em uma dessas três posições fornecidas por Bortoni-Ricardo (2004, p. 38):

O professor não percebe uso de regras não-padrão. Isto é se dá por duas razões: ou o professor não está atento ou o professor não identifica naquela regra uma transgressão porque ele próprio a tem em seu repertório. A regra é, pois, “invisível” para ele; o professor percebe o uso de regras não-padrão e prefere não

intervir para não constranger o aluno; o professor percebe o uso de regras não-padrão, não intervém, e apresenta, logo em seguida, o modelo da variante-padrão (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 38).

Então averiguamos como ela analisa o comportamento linguístico de seus alunos, levando em consideração o tempo que eles permaneceram fora da sala de aula. Sua afirmação se restringe a ortografia quando trata que: “ortograficamente falando, os alunos escrevem da forma que eles falam, ou ouvem falar”.

Em consideração ao tratamento da ortografia, a professora deveria considerar em suas aulas que existem algumas dificuldades decorrentes na transição da fala para escrita principalmente para os alunos em fase de alfabetização, ela mesma considera que os alunos escrevem da forma que eles falam, ou ouvem falar.

Entendemos que a língua falada pode interferir no processo de escrita dos alunos em fase de aquisição de língua escrita. Morais (2002, p. 38), descreve alguma dessas dificuldades ortográficas e as classifica como regular e irregular.

Na dificuldade ortográfica irregular a grafia se justifica pela tradição de usos, ou pela origem (etimologia) da palavra. Não existe uma regra: o aprendiz precisará memorizar a forma correta em, por exemplo, “cidade” e “hoje”. Já na ortográfica regular podemos prever a grafia correta sem nunca ter visto a palavras antes. Inferimos a forma correta porque existe um princípio gerador, uma regra que se aplica a várias (ou todas) palavras da língua em que aparece essa dificuldade como no caso do emprego de “r” ou “rr” nas palavras “honra” e “cachorro”. Na ortografia de nossa língua existem diferentes critérios por trás das relações entre os sons e as letras, distintos casos de regularidade e de irregularidade (MORAIS 2002, p. 38).

Ao ingressar na escola, seja qual for à idade as crianças já possuem suas marcas que são oriundas do seu meio cultural. Inserida em meio familiar e comunitário, ela carrega um conjunto de representações simbólicas que lhes foram transmitidas por seus pais, avós e amigos etc. Diante desse fato os professores devem levar em consideração em sua prática que no início da escolarização as crianças estão começando a ter os primeiros contatos com o nosso sistema ortográfico; e é natural que elas sintam dificuldades ao iniciar o processo de aquisição da escrita, desse modo, esse processo pode apresentar algumas marcas da oralidade na sua escrita.

A língua portuguesa é um sistema alfabético de escrita onde os sons da fala são representados graficamente. Entretanto, para escrever corretamente a criança não poderá basear-se apenas nas regras da língua falada; para escrever convencionalmente, ela terá que observar os aspectos ortográficos da língua, esses por sua vez vão construir dificuldades para elas.

Essa questão é de fundamental importância para o ensino e aprendizagem da língua escrita, pois segundo Marcushi (2002), a escrita não pode ser vista como representação da fala porque ela não consegue reproduzir a maioria dos fenômenos da oralidade. Por outro lado, a escrita apresenta elementos significativos próprios, tais como os vários tamanhos e tipos de letras, além de cores e formatos variados. Os textos escritos também costumam vir acompanhados de elementos pictóricos. No entanto, essas especificidades das duas modalidades linguísticas não apresentam características suficientemente opostas, para gerar dois sistemas linguísticos, nem mesmo dicotômicos. O que se observa é que tanto a oralidade quanta a escrita permitem que sejam construídos textos coesos e coerentes, adequados as mais variantes situações comunicativas, tanto na vida cotidiana, quanto profissional e acadêmica, etc.

Na vida cotidiana, a fala é mais exercida do que a escrita, porém esse fato é inverso ao ingressar na escola, onde a escrita é muito mais valorizada do que a oralidade. Nas atividades desenvolvidas nas

escolas também existe essa valorização da língua escrita. Isso se justifica porque as instituições de ensino recebem muita influência de uma sociedade grafocêntrica como a nossa, onde a escrita rege as práticas sociais dos indivíduos; sabemos que a preocupação da maioria dos professores de ensino de língua portuguesa, é com o desenvolvimento da escrita, esquecendo da importância da oralidade que também fornece maturidade para a criança no seu desenvolvimento da aquisição do sistema escrito.

Segundo algumas pesquisas tais como: Sousa (2004) "Da fala à escrita: os saberes da oralidade e o início de produção da escrita escolar"; Santos (2007) "Marcas da oralidade em textos escritos por alunos do ensino fundamental", já existem vários estudos que tratam da importância da oralidade no ensino de língua, mas o que se observa é que muitos professores ao fazerem a transposição didática da teoria para a sala de aula, obtida na formação acadêmica ou em outras formações, muitos ainda desconhecem a existência dos variados resultados sobre as pesquisas da oralidade e aquisição da escrita dos alunos.

Essa questão do ensino de língua escrita levando em consideração à importância da oralidade nesse processo de aprendizagem é tratada em poucos livros didáticos, como nos revela Marcushi (2002) que existe uma preocupação de como se apresenta hoje à concepção de língua falada nos livros didáticos de língua português, e se pergunta quais as alternativas para superação essa preocupação.

Ao analisar alguns livros didáticos em geral o autor constatou que, poucos autores se preocupam em explicitar a noção de língua com que operam. Em sua maioria os livros trabalham regras gramaticais, identificam informações textuais produção de textos escritos. A partir dessas observações é possível verificar que a língua é vista como um conjunto de comunicação e como meio de transmissão de informação. O mesmo também observamos, que no livro da turma observada existem vários textos, mas em relação ao estudo de língua existem apenas uma página que traz algumas tiras do quadrinho de Chico Bento, e no desenvolvimento da atividade que vem logo depois não trata especificamente dos estudos da variação linguística e sim dos aspectos gerais da história ocorrida nos quadrinhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos e os conhecimentos decorrentes a partir das discussões na área da sociolinguística vêm trazendo uma parcela de contribuição para melhoria da qualidade do ensino de Língua Portuguesa no ensino fundamental, visto que, essa corrente fornece aparatos para os professores trabalharem com a linguagem usada pelos alunos trazida do seu meio de vivência e pronunciada em sala de aula, para tanto os professores podem fazer a utilização dos fatores internos da língua - fonologia, morfologia, sintaxe e semântica; além dos fatores externos - sexo, idade, origem geográfica, etnia, situação econômica, escolaridade, história e cultura.

Um dos importantes aspectos observados nas respostas do questionário aplicado com a professora foi à existência dos seus conhecimentos em formação inicial sobre da sociolinguística, esses conhecimentos adquiridos puderam auxiliar em sua prática de sala de aula, em relação às diferentes variedades dialetais com que se deparou. Entretanto, nesse aspecto a professora tentou conscientizar seus alunos sobre a existência de falares rurais que são diferentes e esse, por sua vez, não podemos corrigir. Mesmo considerando as diferenças existentes na linguagem rural sua explicação evidenciou para a posição de considerar esse tipo de linguagem como "erro".

Em algumas de suas respostas a professora afirma ter adquirido conhecimentos sobre a sociolinguística na formação inicial, em sua prática, na aula de língua portuguesa, a discussão sobre variação linguística se resumiu a uma abordagem comparativa entre linguagem rural e urbana. Embora, tenha buscado aprimorar-se para lidar com diferentes situações em sala de aula a professora demonstrou que sua prática caminha embasada com a teoria, e que os temas abordados por nós nesta pesquisa não são de total desconhecimento da professora. Temos aí, a ideia de que, frente a mudanças na sociedade, o papel docente assumiu características distintas daquelas que marcaram sua formação acadêmica. Esse papel exige revisão sistemática para entender que a profissão docente prescinde de uma prática crítico-reflexivo, embasada na autonomia e atualização constantes, que permitem ao professor criar, compreender e

adaptar situações de aprendizagem adequadas aos alunos e sua realidade.

NOTAS

1. Doutoranda em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. E-mail: marthaminervino@gmail.com
2. **Paraíso** foi uma telenovela brasileira produzida e exibida no horário das 18 horas pela Rede Globo, adaptada por Edmara Barbosa com a colaboração de Edilene Barbosa, com supervisão de Benedito Ruy Barbosa. Direção de Felipe Binder, Pedro Vasconcelos e Paulo Guelli e direção de núcleo de Rogério Gomes, estreou no dia 16 de março de 2009, e teve seu último capítulo exibido no dia 2 de outubro contendo 173 capítulos.
3. Destacamos a resposta da professora em *itálico* para diferenciar das perguntas do pesquisador e do restante do texto, durante as análises também destacamos nessa mesma fonte para diferenciar das nossas considerações.
4. No momento anterior foi realizada uma entrevista com os alunos, na maioria eles relataram que recebem o benefício do governo - bolsa escola e muitos pais são desempregados.
5. SILVA, Simone da. **Variação Linguística em Sala de Aula da Educação de Jovens e Adultos**; LESSA, Rose Karla Cordeiro. **Abordagem Sociolinguística no Curso de Pedagogia a Distância**.

REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO. S. M.; SOUSA, M. A. F. de. **Falar, aprender e escrever em sala de aula: do período pós-alfabetização ao 5º ano**. São Paulo: Parábolas, 2008.

_____. **Métodos de alfabetização e consciência fonológica**: o tratamento de regras de variação e mudança. Belo Horizonte: Sriptá, v. 9, n. 18, p. 201-220, 1º sem. 2006.

_____. **Nós chegemos na escola, e agora** Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábolas, 2005.

_____. **Educação em língua materna**: A Sociolinguística na Sala de Aula. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. Variação linguística e atividades de letramento em sala de aula. In: Angela Kleiman. (Org.). **Os significados do letramento**. São Paulo: Mercado das Letras, v. 1, 1995, p. 82-94.

CAVALCANTE, M. A. da S; LESSA, Rose Karla Cordeiro; SANTOS, M. M. M. **A Variação linguística na sala de aula**. Maceió: CNPq, 2005-2006 (Relatório Científico).

_____. SANTOS, M. M. M. **Saberes e práticas da Variação linguística na sala de aula**. Maceió: CNPq, 2007-2008 (Relatório Científico).

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo. Parábolas, 2008.

TARDIF, Maurice. **Saberes docente e formação profissional**. Petrópolis. Vozes, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e Ensino de Língua: uma Questão Pouco “Falada”. In: DIONISIO, A. P; BEZERRA, M. A. **O Livro didático de português**: múltiplos olhares. 2º ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

SOUSA. Maria Alice Fernandes de. **Da oralidade à escrita: os saberes da oralidade e o início de produção da escrita escolar**. Universidade de Brasília, 2004.

CAVALCANTE, M. A. da S; SANTOS, M. M. M. **Saberes e práticas da Variação linguística na sala de aula**. Maceió: CNPq, 2007 (Relatório Científico).